

A “Nova” Extrema-Direita: o caráter grupuscular das organizações neofascistas em Portugal e na Argentina

*The “New” Extreme Right: the Factional Nature of
Neofascist Organizations in Portugal and Argentina*

Fábio Chang de Almeida*

Resumo

O presente artigo busca analisar o desenvolvimento da nova extrema-direita “grupuscular”, de acordo com o conceito de Roger Griffin, na Argentina e em Portugal, desde a queda dos regimes autoritários – em 1983 na Argentina e em 1974 em Portugal – até a era da internet. É dada especial ênfase em duas organizações “grupusculares” de caráter político: o Partido Nuevo Triunfo (PNT) na Argentina e o Partido Nacional Renovador (PNR), em Portugal.

Palavras-chave

Extrema-direita. Argentina. Portugal.

Abstract

This article analyzes the development of the new “factional” Extreme Right, according to Roger Griffin’s concept, in Argentina and Portugal from the fall of the authoritarian regimes – 1983 in Argentina and 1974 in Portugal – up to the Internet age. Particular emphasis is given to two “factional” organizations, political in nature: the New Triumph Party (PNT) in Argentina and the National Renewal Party (PNR) in Portugal.

Keywords

Extreme Right. Argentina. Portugal.

* Doutorando em História (UFRGS) com estágio PDEE-CAPES no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-UL); Mestre em História (UFRGS).

Uma nova extrema-direita?

Várias pesquisas atestam que o número de incidentes violentos relacionados à extrema-direita vêm crescendo na Europa e nas Américas desde os anos 1990.¹ De maneira concomitante à “explosão” dos anos 1990, os grupos extremistas ganharam uma importante ferramenta de divulgação com a popularização da internet. Na última década, a rede mundial de computadores configurou-se como o principal meio de comunicação da extrema-direita.

Conforme Roger Griffin, a configuração atual da extrema-direita, quando comparada com a extrema-direita tradicional, caracteriza-se por uma série de adaptações ideológicas, organizacionais e táticas. Tais adaptações são profundas o suficiente para caracterizar um novo gênero político, que o autor chama de “direita grupuscular”.² Tratam-se de pequenas entidades políticas, que geralmente possuem poucos membros, pouca visibilidade e pouco (ou nenhum) apoio público. Mesmo assim, a direita grupuscular adquire importância através da facilidade com que suas organizações podem ser associadas (embora em alguns casos apenas na mente dos seus seguidores), com outros pequenos grupos. Tais grupos são suficientemente alinhados tática e ideologicamente para complementar as atividades uns dos outros.³

Essa é uma diferença fundamental entre a extrema-direita grupuscular e a tradicional: a importância dos novos e pequenos grupos extremistas não deve ser avaliada em função do seu potencial para acarretar uma massa de seguidores e se tornar uma força eleitoral ou revolucionária, mas sim pela capacidade de se alinhar com outros grupos e formar uma rede coesa. Neste artigo, será analisado o desenvolvimento dessa “nova” extrema-direita na Argentina e em Portugal, desde a queda dos regimes autoritários – em 1983 na Argentina e em 1974 em Portugal – até a era da internet, com especial ênfase em duas organizações “grupusculares” de caráter político: o Partido Nuevo Triunfo (PNT) na Argentina e o Partido Nacional Renovador (PNR), em Portugal.⁴

¹ Ver: ALMEIDA, Fábio Chang de. Neofascismo, Internet e História do Tempo Presente. In: SILVA, Michel Goulart; SOUSA, Fernando Pontes de (orgs.). *Ditadura, repressão e conservadorismo*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.

² Cf. GRIFFIN, Roger. From slime mould to rhizome: introduction to the groupuscular right. *Patterns of Prejudice*. Londres, Routledge, v. 37, n. 1, 2003.

³ Idem.

⁴ Para uma análise histórica da extrema-direita na Argentina no período anterior a 1973, ver: ALMEIDA, Fábio Chang de. *A serpente na rede: extrema-direita, neofascismo e internet na Argentina*. 301 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

A “nova” extrema-direita na Argentina

Durante o processo de transição para a democracia, iniciaram-se na Argentina negociações para definir como seriam tratados os responsáveis pelo regime autoritário que agonizava. Os militares procuravam garantir a “não investigação” dos crimes cometidos durante a ditadura, tentando estabelecer uma anistia abrangente. Contudo, as propostas dos militares foram rejeitadas de maneira categórica pela maioria dos partidos políticos e pela população argentina de uma maneira geral. Após o fracasso na Guerra das Malvinas, as contradições internas nas Forças Armadas acentuaram-se, tornando visível a falta de controle sobre o aparato repressivo, que continuava fazendo vítimas ainda em 1983. Com o afrouxamento da censura, a imprensa passou a divulgar a existência dos cemitérios e centros clandestinos de detenção. As histórias tenebrosas da repressão mobilizaram a sociedade argentina no esforço para que os responsáveis não ficassem impunes. A crise econômica e a insatisfação popular com o regime moribundo faziam aumentar o número de protestos.

Nas eleições de 1983 a disputa centrou-se entre radicais e peronistas. Raul Alfonsín, candidato da UCR, venceu Ítalo Luder, representante do peronismo, com mais da metade dos votos. O novo governo precisou mediar o acerto de contas entre a sociedade e o regime caído. Nesse contexto, a publicação do relatório da CONADEPE explicitou os crimes cometidos sob o manto da “guerra suja”. O governo procurou estabelecer limites ao julgamento, diferenciando aqueles que davam ou cumpriam ordens. Dessa forma, as responsabilidades foram atribuídas a algumas cúpulas militares. Em 1985 foram realizados os primeiros julgamentos e vieram as primeiras condenações, acirrando os ânimos nos quartéis, onde militares solidários resistiam ao julgamento de seus líderes. Oficiais de baixa patente também demonstravam insatisfação com a condenação de alguns de seus pares, por considerarem que a lei não devia ser aplicada a quem apenas “cumpria ordens”. Nesse contexto, em 1986, o governo Alfonsín sancionou a chamada “Lei do Ponto Final”, que estabelecia um prazo limite de 60 dias para a apresentação de novas causas contra os envolvidos nos crimes da repressão.

Entre 1987 e 1990 a nova democracia argentina necessitou lidar com algumas rebeliões militares. Na primeira delas, ocorrida durante a semana santa de 1987, o Tenente-coronel Aldo Rico, ex-combatente das Malvinas, rebelou-se na guarnição militar do Campo de Maio. Suas reivindicações diziam respeito às supostamente “injustas” condenações de oficiais pelos tribunais que julgavam a repressão. Os militares amotinados eram essencialmente de baixa patente e questionavam a própria atitude do Exército, que parecia adotar a política de delegar as responsabilidades

criminais aos subordinados. Para Rico e seus *carapintadas*, esta cúpula militar era responsável pela derrota na Guerra das Malvinas e pela “entrega do país aos interesses estrangeiros”.⁵ Ao contrário do ocorrido em outros momentos da história argentina, este primeiro levante militar na nova democracia não obteve respaldo popular. Após quatro dias, o presidente Alfonsín negociou uma saída pacífica para a crise, acenando aos militares com uma lei de anistia para os militares subordinados.⁶

No mesmo ano, os *carapintadas* promoveram uma terceira rebelião militar. Agora sob o comando do Coronel Mohamed Ali Seineldín, os rebeldes acuartelaram-se em Villa Martelli, exigindo uma anistia mais ampla do que aquela promovida pelas leis de “Ponto Final” e “Obediência Devida”, e mesmo um indulto aos militares já condenados. Assim como Rico, Seineldín era um ex-combatente das Malvinas. Embora não tenha obtido apoio institucional nas suas reivindicações, era visível que amplos setores do Exército concordavam com suas ideias e recusavam-se a reprimir seu levante.⁷ Seineldín acabou preso junto com a maioria dos rebelados. O governo Alfonsín arrastava-se ao seu final. As rebeliões militares atestavam o fracasso de seu projeto de reconciliação entre a sociedade e as Forças Armadas. No plano econômico, seu governo também foi malsucedido, com a hiperinflação promovendo episódios de saques a supermercados. Em 19 de julho de 1989, seis meses antes da data prevista, Alfonsín renunciou ao cargo dando lugar ao candidato eleito pelo justicialismo, Carlos Menem.

O governo de Menem notabilizou-se por uma série de indultos que beneficiaram militares anteriormente condenados pela Justiça. Em uma primeira leva, ocorrida em 1989, Menem colocou em liberdade 164 *carapintadas* (Aldo Rico e Seineldín entre eles) e 39 oficiais condenados por crimes cometidos durante a ditadura. No ano seguinte, outros nomes ligados à repressão – alguns condenados à prisão perpétua – foram indultados. Entre os agraciados estavam Jorge Rafael Videla, Emilio Eduardo Massera, e Ramón Camps. Em 1990, o Coronel Seineldín liderou outra rebelião militar, dessa vez reprimida com veemência pelo governo de Menem. O levante resultou em 13 mortos e mais de 200 feridos. Seineldín foi condenado à prisão perpétua, mas viria a ser indultado novamente em 2003, pelo presidente Eduardo Duhalde.

⁵ Ver: ROMERO, Luis Alberto. *História contemporânea da Argentina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006, p. 237.

⁶ De fato, alguns meses após a insurreição da semana santa, o governo sancionou a “Lei de Obediência Devida”, isentando de culpa os oficiais que cometeram crimes, supostamente, “sob o cumprimento de ordens superiores”. Mesmo assim, em 1988, Aldo Rico protagonizou outro episódio de sublevação. Após fugir da prisão domiciliar a qual estava submetido, o coronel acuartelou-se em Monte Caseros. Dessa vez, Rico foi condenado e detido em um estabelecimento penal.

⁷ ROMERO, Luiz Alberto. Op. cit., p. 251.

Após o perdão presidencial concedido por Menem, Aldo Rico criou seu próprio partido político, o *Movimiento por la Dignidad y la Independencia* (MODIN). Nas eleições legislativas de 1993, o MODIN obteve a terceira maior votação do país (atrás apenas dos tradicionais PJ e UCR). Todavia, nas eleições seguintes o partido não obteve resultados expressivos.

Menem havia assumido a presidência em meio a uma grave crise econômica. Em agosto daquele ano, a taxa de inflação atingiu o patamar de 200%. A desordem social era cada vez maior, e os ataques a lojas e supermercados eram reprimidos com violência pela polícia. Para enfrentar a situação, o novo governo seguiu a fórmula ditada pelo “Consenso de Washington”. A economia foi aberta para os investimentos estrangeiros, deu-se início a uma apressada política de privatizações, e as leis trabalhistas foram afrouxadas para “desonerar” o Estado. A adoção de tais medidas indicava a profunda mutação ocorrida dentro do peronismo nos últimos anos. Isso fez com que algumas lideranças da extrema-direita peronista abandonassem o partido, criando novas agremiações. Uma dessas novas organizações possuía clara inspiração nazifascista: o *Partido Nuevo Triunfo* (PNT).

O PNT foi criado por antigos membros da direita peronista. Alejandro Carlos Biondini foi o presidente do PNT desde sua fundação até sua extinção, em 2009. Enquanto acadêmico de direito, o jovem Biondini integrou até 1979 dois grupos peronistas dos quais foi cofundador: a *Revista Línea*, e o *Diario Compañero*. Na década de 1980 viria a ocupar alguns cargos dentro da hierarquia da *Juventud Peronista*.⁸ Em 1983, fundou a revista *Alerta Nacional*. A data de fundação da revista (quatro de junho) foi escolhida para homenagear o dia em que o General Perón iniciou seu primeiro mandato como presidente da Argentina, em 1946. Ainda em 1983, Biondini viria a ser um dos fundadores de um importante grupo peronista de extrema-direita, derivado da revista da qual herdaria o nome: *Alerta Nacional* (AN). De acordo com Biondini, a *Alerta Nacional* “*fue un verdadero ejemplo de lo que históricamente debió ser – y jamás dejar de ser- el auténtico Justicialismo, para mantener la absoluta fidelidad al legado doctrinario e ideológico del General Perón*”.⁹ Em 1989, o grupo AN viria a romper com o Partido Justicialista em função das divergências ideológicas com a política do presidente Carlos Menem, acusado de afastar-se dos postulados peronistas. Todavia, a organização

⁸ BIONDINI, Alejandro. Entrevista à revista *Acción Chilena*, do dia 13 jan 2003. Disponível em <http://www.accionchilena.cl/Internacional/reportaje_a_alejandro_biondini.htm>. Acesso em março de 2007; e KOLLMANN, Raúl. *Sombras de Hitler: la vida secreta de las bandas neonazis argentinas*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2001, p. 213.

⁹ *Ibidem*.

Alerta Nacional teve uma existência efêmera, tendo se desestruturado quase completamente um ano depois.¹⁰

Após o rompimento com o PJ, Biondini passou a incorporar cada vez mais referenciais nazistas em seu perfil político. Apesar da extinção do *Alerta Nacional* em 1990, o mesmo foi a base para a formação, ainda no mesmo ano, do PNT (então *Partido Nacionalista de los Trabajadores*), sob a presidência de Biondini. Em 1991, a direção tentou mudar o nome do PNT para “*Partido Nacional-Socialista de los Trabajadores*” e adotar a cruz suástica como símbolo oficial.¹¹ Suas pretensões foram anuladas pela Justiça Argentina, devido à perturbadora mimetização da nomenclatura e iconografia do partido nazista alemão.¹² Entretanto, Biondini não considerou a tentativa de mudança do nome do Partido como uma apologia ao nazismo. Para ele, a suástica representaria apenas um símbolo sagrado, de “boa sorte”, sem conexões com o nazismo.¹³ Diante da proibição judicial, Biondini adotou o número “7” como símbolo e mudou o nome do partido para *Partido Nuevo Triunfo* (mantendo a antiga sigla). De certa forma, o número “7” adotado ainda utilizava a iconografia da suástica, apenas retirando-lhe três “braços”.

O número sete é simbólico para os admiradores do nazismo, pois reza a lenda que Adolf Hitler era o membro número sete do Comitê Central do Partido dos Trabalhadores Alemães.¹⁴ Existem informações que dão conta de uma cerimônia de iniciação realizada pelos novos membros do PNT. Ela seria realizada somente uma vez por ano, no dia sete de agosto, às sete horas e sete minutos da noite. Nesta data – dia de São Caetano, o padroeiro dos trabalhadores – sete novos membros jurariam fidelidade ao partido.¹⁵

¹⁰ KOLLMANN, Raul. Op. cit., p. 213.

¹¹ Ibidem, p. 21-22.

¹² Após várias apelações em uma longa batalha legal, a Justiça argentina decidiu que a cruz suástica está vinculada com o genocídio promovido pelos nazistas durante a II Guerra Mundial, ou seja, com a morte de seres humanos por razões de raça, sexo e ideologia. Ver: KOLLMANN, Raul. Op. cit., p. 36-37.

¹³ Cabe lembrar que em 1920, Adolf Hitler adicionou as palavras “Nacional Socialista” ao então Partido dos Trabalhadores Alemães. A nova denominação resultou no *National-Sozialistische Deutsche Arbeiterpartei*, ou Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, o Partido Nazista.

¹⁴ Em função de sua relação com o “7”, também o número “14” possui significado especial para os nacional-socialistas. Uma frase de 14 palavras é muito usada como slogan por grupos de orientação *white power*: “*We must secure the existence of our people and a future for white children.*” (“Devemos assegurar a existência de nosso povo e um futuro para as crianças brancas.”) O número 88 também adquire significado especial ao representar a saudação nazista “*Heil Hitler*” (o “h” é a oitava letra do alfabeto, portanto “88” representa “hh”).

¹⁵ KOLLMANN, Raul. Op. cit. p. 21-23. Sobre a influência esotérica na extrema-direita argentina de inspiração nazista, ver: ALMEIDA, Fábio Chang. A serpente..., op. cit., p. 204-227.

Em 1994, uma dissidência do PNT encabeçada por Alejandro Franze, fundou o *Movimiento Nuevo Orden* (MNO), uma organização juvenil de extrema-direita. Com ambições políticas, em 1996 o MNO alterou seu nome para *Partido Nueva Orden Social Patriótica* (PNOSP).¹⁶ Este partido possuía uma grande quantidade de *skinheads* de inspiração nazista entre seus membros.¹⁷ Assim como o PNT, também comemoravam o dia 20 de abril, data de nascimento de Adolf Hitler e, ao contrário de outros grupos *skins*, o PNOSP objetiva o reconhecimento oficial e o ingresso no sistema político argentino.¹⁸ Entretanto, em 1999 o PNOSP fracassou em sua tentativa de reconhecimento oficial diante da Justiça Eleitoral Argentina. O pedido de reconhecimento foi negado, pois se considerou que o partido “*incitava o ódio antisemita e exaltava a violência*”.¹⁹

Também o PNT falhou em sua tentativa de regularização eleitoral. Em maio de 2005 a Câmara Nacional Eleitoral confirmou uma decisão anterior de primeira instância, onde era negado o reconhecimento judicial para a competência eleitoral do partido. A decisão do tribunal baseou-se no fato de que os membros da organização se identificam com o nazismo, tendo em conta a mimetização da estética nazi através de braçadeiras, estandartes e saudações. Também foram citados outros elementos de identificação com o nazismo, como a comemoração do dia 20 de abril e a tentativa de utilização da cruz suástica como símbolo oficial do partido. Por estas razões, a Justiça Eleitoral considerou que o PNT pretendia “emular” um regime que produziria atos concretos de discriminação por motivos de raça, sexo e origem nacional.²⁰

O discurso do PNT caracterizava-se pela apologia a um regime de governo autoritário e pela crítica à democracia. Tal discurso era alicerçado

¹⁶ DAIA. *Informe sobre antisemitismo en la Argentina (2000/2001)*, p. 36. Disponível em: <<http://www.daia.org.ar>>. Acesso em maio de 2007.

¹⁷ Importante atentar para a diferença entre os *skinheads* tradicionais e aqueles de orientação neofascista. Os *skins* tradicionais surgiram sob influência da cultura dos grupos de jovens imigrantes negros das Antilhas (conhecidos como *rude-boys* ou *ruddies*); e da cultura dos setores operários ingleses. A influência negra nos primórdios do movimento verifica-se pela preferência musical do grupo, visto que os *skinheads* originais estavam associados a dois estilos musicais vindos da Jamaica: o *reggae* e o *ska*. A origem da corrente *skinhead* racista remonta ao final dos anos 1960, quando o *National Front* inglês encontrou os elementos necessários para construir um discurso de extrema-direita que agregou os *skinheads* de tendência extremista: a xenofobia crescente diante da imigração; a recessão econômica; e uma sensação de crise de identidade nacional. Ver: ALMEIDA, Fábio Chang de. *A serpente...*, op. cit., p. 73-81.

¹⁸ KOLMANN, Raul. Op. cit., p. 238.

¹⁹ *Informe sobre antisemitismo en la Argentina (2000/2001)*, op. cit., p. 37.

²⁰ BELISLE, José Manuel. HERNÁNDEZ, Antonio María. Regulación Jurídica de los Partidos Políticos en Argentina. In: ZOVATTO, Daniel (org.). *Regulación Jurídica de los Partidos Políticos en América Latina*. Cidade do México: Universidad Nacional Autónoma de México/IDEA, 2006, p. 203. Disponível em: <<http://idea.int/publications/lrpp/upload/Argentina.pdf>> Acesso em janeiro de 2012.

em uma forte base ultranacionalista.²¹ O presidente do PNT costumava dizer que o seu partido defendia “*un Nacionalismo Social que responde a la línea histórica de San Martín, Rosas e Perón*”.²² A identificação com o nacionalismo peronista de direita podia servir como saída para as acusações de nazismo:

*No, nunca fuimos Partido Nazi, siempre nosotros nos definimos a partir de una concepción, muy clara, de lo que nosotros consideramos como doctrina. O sea, la cabecera de nuestro Programa de Gobierno es que nuestra ideología y nuestros puntos programáticos se fundamentan en el pensamiento del General Perón...*²³

Todavía, uma investigação relatou que nos círculos internos do PNT, era difundida a lenda segundo a qual Hitler teria indicado a Argentina como berço do IV Reich. “*De lá virá o homem*”, teria dito Hitler – apontando para a Argentina em um mapa – antes de cometer suicídio.²⁴ Ao ser questionado se era nazista, Alejandro Biondini assim respondia: “*Soy nacionalsocialista argentino. No soy nazi porque nazi es un término aplicado al nacionalsocialismo alemán*”.²⁵

A relativização no plano discursivo contrastava com a clara mimetização estética de gestos, slogans e uniformes. A página de abertura do site do PNT na internet apresentava em destaque uma fotografia de Alejandro Biondini discursando. Abaixo dela estava escrita a frase: “*Una Nación, Un Pueblo, Un Líder*”. Esta era, provavelmente, uma referência ao slogan “*Ein Volk, Ein Reich, Ein Führer*”, amplamente utilizado na propaganda nazista de Hitler. Em outra seção do site aparecia o escudo do partido, um estandarte vermelho, com os dizeres: “*Argentina Despierta*”. No centro dele estava inscrito em um círculo branco o número “7”. Ao fundo havia duas bandeiras argentinas cruzadas. Nas reuniões de Nuremberg, na Alemanha nazista, eram comuns as bandeiras com cruces gamadas sobre fundo vermelho, com os dizeres *Deutschland Erwache* (“Alemanha Desperta”) quase idênticas à iconografia do PNT.²⁶

²¹ Por sua rejeição das instituições liberais, bem como dos valores derivados do humanismo iluminista, o “nacionalismo” pregado nos discursos analisados enquadra-se na categoria “ultranacionalista”, segundo o modelo proposto por Griffin. Ver: GRIFFIN, Roger. *Nature of Fascism*. Londres: Pinter Publishers, 1991, p. 36-37.

²² BIONDINI, Alejandro. Entrevista..., op. cit.

²³ BIONDINI, Alejandro Carlos. *Entrevista à Rede de Televisão CableVisión Noticias (CVN)*, no dia 11 de junho de 2002. Disponível em <<http://pnt.libreopinion.com>>. Acesso em setembro de 2006.

²⁴ KOLLMANN, Raul. Op. cit, p. 23-24.

²⁵ BIONDINI, Alejandro Carlos. *Entrevista à Rede de Televisão CableVisión Noticias (CVN)*, 2002, op. cit.

²⁶ Ver: CONTE, Édouard. ESSNER, Cornelia. *A demanda da raça: uma antropologia do nazismo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1995, p. 21.

O PNT fazia questão de divulgar que as 34 propostas do seu Programa de Governo mantiveram-se inalteradas desde 14 de março de 1990, data em que o mesmo foi apresentado à Justiça Eleitoral Argentina pela primeira vez. Chamado de “Programa de Governo da Nova Argentina”, o documento concebido para “reconstruir e libertar a pátria”, afirma estar fundamentado no “*melhor do pensamento cristão e nacionalista*”. É com a mão sobre este documento que os novos membros realizavam o juramento de lealdade ao ingressar no Partido.²⁷ Nele, são exaltados os valores morais e espirituais defendidos pelo partido, enquanto prega-se a repressão das “*atividades pornográficas*”; “*drástico dismantelamento da rede homossexual e drogadita e corruptora que infesta a Argentina*”; além de castigo exemplar para aqueles que “*incitem ou pratiquem a perversão*”.²⁸

O site do *Partido Nuevo Triunfo* apresentava também uma “Proclamação ao Povo Argentino”. A análise deste documento revela aspectos essenciais da ideologia política do PNT. Mais uma vez, é retomada a ideia de um panorama de “desintegração” em que se encontraria a Argentina, onde o nacionalismo é apontado como a única alternativa:

*¡COMPATRIOTAS! En estos tiempos de mediocridad y decadencia, cuando para muchos todo parece perdido, cuando una dirigencia inepta y corrupta empuja a la Nación al abismo, al enfrentamiento entre hermanos y a la desintegración; cuando vemos transformada a nuestra Patria hidalga y soberana en una mísera colonia donde los únicos privilegiados parecen ser los extranjeros; en definitiva, cuando la Argentinidad en su conjunto, como en la época fundacional, enfrenta el dilema de Ser o No Ser; SE LEVANTA como una antorcha luminosa en medio de esta larga noche, la voluntad de los hombres y mujeres del PUEBLO NACIONALISTA, para libertar y redimir la Patria.*²⁹

A proclamação apresenta os princípios que fundamentam a “nova ordem” almejada pelo partido. Dentre tais princípios, defendem-se os “*valores transcendentales*” do povo argentino. A destruição dos valores espirituais e morais da sociedade deveria ser firmemente combatida. O PNT confronta a possibilidade do uso da força (“mão firme”) e a “aplicação da lei”.³⁰ Também são abordados os fundamentos econômicos da nova

²⁷ “*El Programa de Gobierno de la Nueva Argentina*” – “Aclaración Importante” e “Introducción”. Disponível em: <<http://pnt.libreopinion.com/programa.htm>>. Acesso em janeiro de 2008. Os 34 pontos do Programa estão divididos em três capítulos: I – “*Por la Soberanía Política*”; II – “*Por la Justicia Social*”; e III – “*Por la Independencia Económica*”. Ver documento na íntegra em: ALMEIDA, 2008, op. cit., p. 290-299.

²⁸ *Ibidem*, ponto 29.

²⁹ PNT. “*Proclama al Pueblo Argentino*”. Disponível em: <<http://pnt.libreopinion.com/proclama.htm>>. Acesso em janeiro de 2008.

³⁰ *Ibidem*.

Argentina. Fala-se sobre “*argentinización*” de áreas estratégicas, são feitas críticas à dívida externa e à luta de classes, e enfatiza-se a prioridade da Pátria sobre os interesses individuais. No quinto e último princípio, o PNT promete “castigo exemplar” aos corruptos e aos “traidores dos interesses superiores” da Pátria. A proclamação encerra reiterando que o PNT e seu líder máximo formam a única solução para a crise.³¹

Nas eleições de 2005, para contornar a impossibilidade judicial, o PNT utilizou-se de um partido de fachada, o *Acción Ciudadana* (AC). Naquele ano, a esposa de Biondini (Alicia Quinodoz de Biondini) e seu filho (Alejandro César Biondini) concorreram respectivamente aos cargos de deputada nacional e legislador portenho pelo AC.³² A lista de candidatos do AC incluía ainda o ex-comissário da Polícia Federal Jorge Colotto, cuja plataforma eleitoral defendia a instalação da pena de morte; a redução da maioria penal; a volta do serviço militar obrigatório e a concessão de “*maior poder*” à polícia.³³ Em um discurso realizado em 1984, ele havia afirmado:

Cuando la patria nos necesite, tus amigos seremos una masa de cabezas y brazos. No somos sádicos, pero tampoco podemos permitirnos el lujo femenino de la debilidad. El dios de los ejércitos sabrá entender que cumpliremos con el deber hasta la muerte, antes que el pabellón argentino sea suplantado por la hoz y el martillo. Si las puertas de la patria se vieran avasalladas por la subversión, las defenderemos a balazos.³⁴

Durante a campanha eleitoral de 2005, Colotto declarava-se ainda, “*contra el aborto y los gays*”.³⁵ Foi a primeira vez que o PNT conseguiu, mesmo que indiretamente, inscrever candidatos em uma eleição argentina. Segundo os números oficiais da *Cámara Nacional Electoral Argentina*, na eleição para deputados nacionais o AC obteve 3.386 votos na Capital Federal, o que representou 0,18% do total para aquela localidade.³⁶

³¹ PNT. *Proclama...*, op cit.

³² NIELL, Paz Rodriguez. La comunidad judía denunció que líderes nazis son candidatos. *Jornal La Nación*, 13 de setembro de 2005. Disponível em: < <http://www.lanacion.com.ar/738377-la-comunidad-judia-denuncio-que-lideres-nazis-son-candidatos>>. Acesso em janeiro de 2012.

³³ DAIA. *Informe sobre antisemitismo en la Argentina (2005)*, p. 41. Disponível em: <<http://www.daia.org.ar/Site2009/ces/informes.php>>. Acesso em janeiro de 2012.

³⁴ KOLLMANN, Raúl. Una ensalada de nazis y represores. *Jornal Página 12*. 12 de setembro de 2005. Disponível em: <<http://www.pagina12.com.ar/diario/elpais/1-56374-2005-09-12.html>>. Acesso em janeiro de 2012.

³⁵ NIELL, Paz Rodriguez. Op. cit.

³⁶ “*Resultados del Escrutinio Definitivo*” das Eleições de 23 de outubro de 2005. Disponível em: <<http://www.pjn.gov.ar/paginacamara.php?kn=K1220&kp=K1218>>. Acesso em maio de 2007.

Em 2009 a Corte Suprema de Justiça da Nação Argentina decidiu em última instância pelo não reconhecimento oficial do PNT como partido político. Diante de tal decisão, o partido foi dissolvido. Em 2011 foi criada uma nova agremiação, o Partido do Campo Popular (PCP), resultado da fusão de outros pequenos partidos, incluindo o MODIN (partido do Tenente-Coronel Aldo Rico, que rebelou-se no Campo de Maio em 1987, no primeiro levante militar da nova democracia argentina). Alejandro Biondini participou do lançamento do novo partido e houve especulações em torno de sua possível candidatura à presidência da República pelo PCP.³⁷ Contudo, Biondini acabou por candidatar-se a Chefe de Governo de Buenos Aires pelo partido Alternativa Social (AS),³⁸ obtendo menos de 3.500 votos.³⁹ O Alternativa Social tem um discurso mais moderado, além de evitar a mimetização nazi característica do PNT. Tudo indica que esta será a nova plataforma política de Biondini.

A “nova” extrema-direita em Portugal

Após a Revolução dos Cravos em 1974 e a queda do regime autoritário, a extrema-direita portuguesa buscou rearticulação através de diversas organizações. Inicialmente, foram criados grupos paramilitares visando uma restauração do governo ditatorial. Ações de guerrilha e atentados terroristas eram algumas das táticas utilizadas por tais organizações. Em função disso, foi cunhada a expressão “verão quente de 1975”, em referência ao grande número de ataques à bomba perpetrados por tais grupos. Mais tarde, com a consolidação do processo democrático, a extrema-direita buscou novas formas de organização. Por um lado, consolidou-se a

³⁷ MORINI, Gabriel. A cara lavada y pasado renovado. *Jornal Pagina 12*. 15 de julho de 2010. Disponível em: <<http://www.pagina12.com.ar/diario/elpais/1-149514-2010-07-15.html>>. Acesso em janeiro de 2012.

³⁸ Disponível em: <<http://www.alternativasocial.org.ar>>. Acesso em janeiro de 2012.

³⁹ Sobre a saída de Biondini e do AS da coligação PCP, foi publicada a seguinte nota: “*El día 14 de julio de 2010, el Partido Alternativa Social firmó en Casa Patria un acuerdo de fusión con el MODIN y con el Partido del Campo Popular de la Capital Federal, pero en el marco de una postura doctrinaria Nacionalista y de clara oposición al actual régimen kirchnerista. A pocos meses de dicho evento, José Bonacci nos sorprendió a todos anunciando y efectivizando su pre-candidatura a senador en Santa Fe por una lista colectora del candidato a gobernador por el kirchmerismo, Agustín Rossi. En virtud de esa evidente TRAICIÓN a todo principio o valor moral, ético e ideológico, Alternativa Social dio por terminado el mencionado acuerdo de fusión con ambos partidos. Hacemos un llamado de alerta a todos los Patriotas, a todos los auténticos Nacionalistas, a fin de que no se dejen engañar por informaciones y artículos de prensa, que ya sea por mala intención o desinformación quieren hacer aparecer al Compañero Biondini y al Partido Alternativa Social apoyando a una persona cuya línea de conducta rechazamos y repudiamos absolutamente.*” Disponível em: <<http://www.alternativasocial.org.ar>>. Acesso em janeiro de 2012.

associação entre setores da subcultura skinhead e a ideologia neofascista. Ao mesmo tempo, a extrema-direita buscou retornar ao cenário político através da estruturação de novas agremiações partidárias.

O Exército de Libertação Português (ELP) foi uma das principais organizações salazaristas de extrema-direita, que se opuseram ao processo revolucionário de 1974. Possuía ligações com os Comitês de Defesa da Civilização Ocidental (CODECOs). O ELP possuía membros militares e civis, e era comandado por Barbieri Cardoso, ex-subdiretor da PIDE/DGS.⁴⁰ O ELP era treinado no norte de Portugal e na Espanha, sob a conivência do regime de Franco. O grupo distribuía panfletos que conclamavam cada português a tornar-se um combatente contra os “assassinos comunistas”, em uma eventual e futura guerra civil. Um panfleto de 1975 define a “limpeza do País” como o objetivo principal da organização:

O Exército de Libertação português (ELP) agradece a todos aqueles que, no CDS, PPD, PDC, igrejas, paróquias, bancos, etc., ou em iniciativas de carácter privado, têm apoiado a nossa justa luta, criando um clima propício para a nossa entrada em acção com o fim de limpar o País de todos os cães comunistas e traidores, que nos tentam impedir de sermos o que sempre fomos e de dispormos de nós como muito bem entendemos.⁴¹

O ELP teve suas lideranças identificadas e passou a sofrer repressão do Estado em 1975. Muitos de seus membros foram detidos e a organização perdeu força. Diversas vezes o ELP atuou de maneira orquestrada com o Movimento Democrático de Libertação de Portugal (MDLP), liderado pelo exilado general António Spínola, a partir da Espanha e do Brasil. A associação do ELP com o MDLP gerou uma onda de violência terrorista contra alvos relacionados à esquerda política de Portugal. Em 21 de julho de 1975 tiveram início os ataques contra sedes do Partido Comunista Português (PCP), MDP, partidos e organizações da esquerda revolucionária. Em julho de 1975 foram registrados oitenta e seis ataques contra sedes do PCP. No mês seguinte, foram atacados cinquenta e cinco sedes do PCP, vinte e cinco do MDP-CDE além de dezenas de incêndios e atentados a outros alvos. Em 1980, o MDLP teve envolvimento no atentado terrorista que matou o primeiro ministro de Portugal, Francisco Sá Carneiro, e o ministro da defesa, Adelino Amaro da Costa.⁴²

⁴⁰ Polícia Internacional e de Defesa do Estado, a polícia política do Estado Novo português.

⁴¹ MADAÍL, Fernando. A “cruzada branca” contra “comunistas e seus lacaios”. *Jornal Diário de Notícias*, 17 ago 2005. Disponível em: <http://dn.sapo.pt/inicio/interior.aspx?content_id=619761>. Acesso em janeiro de 2012.

⁴² RATTNER, Jair. Português confessa ter feito bomba que matou premiê. *BBC Brasil*, 29 nov 2006. Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/portuguese>>. Acesso em agosto de 2010.

Outra organização de direita surgida no período foi o Movimento Maria da Fonte. Criada por Valdemar Paradela de Abreu, o Maria da Fonte procurava aproveitar a estrutura logística da Igreja Católica em Portugal para “combater os comunistas”. Conforme explicou o próprio Paradela de Abreu,

Cada diocese tem muitas paróquias, logo muitas igrejas, logo muitos sinos. Milhares de sinos ao norte do rio Douro. Centenas de milhares de católicos. Ao pensar nesta “estrutura” em termos de eventual guerra interna, constatei que o País já estava “quadriculado” militarmente. Cada paróquia seria uma “base”. Cada igreja de granito ancestral, um “reduto”. Cada sino um “rádio transmissor”. Cada quinta perdida nas serras, um “apoio logístico”.⁴³

Além de Valdemar Paradela de Abreu, João Braga, António Estarreja e José Brito Silva Santos constituíam outras lideranças importantes do Movimento. Possuía seu epicentro na diocese bracarense, mas estendeu-se a seis dioceses. Muitas das ações terroristas de 1975 foram reivindicadas pelo Movimento Maria da Fonte. Considera-se que a organização tenha sido responsável por mais de cem ataques a sedes do PCP e outras instituições ligadas à esquerda.⁴⁴

Em 1985 foi fundada por Vítor Santos, Manuel Andrade, Alexandre Freire, Paulo Sequeira e José Luís Paulo Henriques, a Associação Cultural Acção Nacional, em seguida rebatizada como Movimento de Acção Nacional (MAN). O grupo definia-se como um “movimento cultural e político, de caráter nacionalista, revolucionário e popular”. Apresentava-se como uma alternativa ao sistema de partidos e à “falácia democrática”, em nome das “aspirações do povo e da Nação”. Assim era definido, em um manifesto de 1985, o “nacionalismo popular revolucionário” pregado pelo movimento:

Defendemos um Nacionalismo Popular Revolucionário. Um Nacionalismo Popular, porque assente num Povo inteiro e não numa parcela ou numa classe ou na utópica igualdade. Um Nacionalismo Revolucionário, porque indissolúvel do mandato e da continuidade históricos e não dependente de maiorias momentâneas, de minorias desenraizadas, de votos instáveis, de individualismos interesseiros, de particularismos desinseridos.⁴⁵

⁴³ ABREU, Paradela; Apud: MADAÍL, Fernando. Op. cit.

⁴⁴ Centro de Documentação 25 de abril. Universidade de Coimbra. *Cronologia Pulsar da Revolução*. Disponível em: <<http://www1.ci.uc.pt/cd25a/wikka.php?wakka=PulsarJulho75>>. Acesso em agosto de 2010.

⁴⁵ *Pontos Programáticos do Movimento de Acção Nacional*. Disponível em: <<http://www.causanacional.net/index.php?itemid=155>>. Acesso em agosto de 2010.

O MAN acabou por aglutinar em suas fileiras muitos skinheads de orientação neofascista. Estes tornaram a organização notória pelo envolvimento em diversos atos de violência racista, bem como no assassinato do militante do Partido Socialista Revolucionário (PSR) José Carvalho em Lisboa no ano de 1989.⁴⁶ Naquela ocasião, foi denunciado que o MAN recebia treinamento de militares e policiais portugueses, inclusive dentro de quartéis. De acordo com uma testemunha infiltrada no movimento, haveria – no início dos anos 1990 – entre três a cinco mil skinheads ligados ao MAN em Portugal. De forma geral, eles seriam recrutados em bairros pobres de operários e, sobretudo nas zonas da Grande Lisboa, assim como Barreiro, Almada, Amadora e Benfica. Ao norte seriam recrutados principalmente em Matosinhos, Vila Nova de Gaia, Espinho, Mirandela, Guimarães, Braga e Coimbra. Conforme esta testemunha, alguns policiais e militares portugueses simpatizariam com os skinheads neofascistas. Ele chega a citar um policial, que após detê-lo para averiguações, teria dito: “os skinheads são boa gente porque fazem o trabalho que gostaríamos de fazer, ou seja, acabar com os negros, anarquistas, comunistas e homossexuais”.⁴⁷

Em 10 de junho de 1995 (dia nacional de Portugal) um grupo de *skinheads* promoveu um ataque generalizado no Bairro Alto, em Lisboa. Os alvos eram pessoas negras, que eram encurraladas e espancadas violentamente. Após a noite de selvageria, doze jovens negros haviam sido encaminhados para as emergências dos hospitais. O cabo-verdiano Alcindo Monteiro viria a falecer no dia seguinte, em consequência dos múltiplos ferimentos sofridos no crânio e na coluna. Quinze *skinheads* envolvidos no crime foram julgados e condenados. Dentre eles, estava Mário Rui Valente Machado, condenado a uma pena de quatro anos e três meses de prisão, e que mais tarde viria a se tornar a principal liderança dentre os *skinheads* neonazistas de Portugal.

Nos anos 1990 a ideologia neofascista infiltrou-se nas torcidas dos times de futebol de Portugal. Logo no início da década, os primeiros

⁴⁶ O Tribunal Criminal de Monsanto considerou o skinhead Pedro Grilo culpado da morte do dirigente do PSR José Carvalho, em 28 de Outubro de 1989, condenando-o a 12 anos de prisão. Ver: SABINO, Catarina. et al. *The making of policies of immigration control in Portugal*. Centro de Investigação em Sociologia Económica e das Organizações. Instituto Superior de Economia e Gestão. Universidade Técnica de Lisboa, 2010. Disponível em: <http://pascal.iseg.utl.pt/~socius/publicacoes/wp/WP_2_2010.pdf>. Acesso em janeiro de 2012; e CABRAL, Luís Manuel. Dossier Extrema-direita. *Diário de Notícias*, 20 mar 2009. Disponível em: <http://dn.sapo.pt/especiais/interior.aspx?content_id=1177059&especial=ExtremaDireita&secao=SOCIEDADE>. Acesso em janeiro de 2012.

⁴⁷ “Skinheads” do Porto mataram militante do PSR. *Diário de Notícias*. 25 de julho de 1990. Disponível em: <http://dn.sapo.pt/especiais/interior.aspx?content_id=1007222&especial=ExtremaDireita&secao=SOCIEDADE>. Acesso em janeiro de 2012.

incidentes violentos relacionados com a extrema-direita e as torcidas de futebol são registrados e sua frequência aumentou ao longo do tempo. A exibição de bandeiras com símbolos neonazistas passou a ser recorrente nas torcidas do Benfica, Sporting e F. C. do Porto. No início de 1993 a opinião pública despertou para o problema quando a mídia deu grande repercussão para um incidente ocorrido em 3 de janeiro, no jogo entre Belenenses e Benfica. Na ocasião, membros da torcida organizada *No Name Boys*, do Benfica, agrediram um funcionário do Belenenses e após o incidente foi exibida uma bandeira com a cruz suástica por um suposto membro da torcida Diabos Vermelhos, também do Benfica. Tudo foi transmitido pela televisão em cadeia nacional, explicitando a partir de então a relação entre a violência nos estádios e a ideologia de extrema-direita.

Apesar do crescimento no número de incidentes violentos com conotação neofascista, ao final dos anos 1990 Portugal não contava com um partido político claramente identificado com a extrema-direita.⁴⁸ Tal “lacuna” seria preenchida no ano 2000, com a criação do Partido Nacional Renovador (PNR). Partidos de extrema-direita claramente identificados com o nazifascismo, enfrentam dificuldades para se estabelecer. Estas dizem respeito às proibições ideológicas de cunho legal, bem como à dificuldade em se conseguir um número mínimo de assinaturas (cinco mil, em Portugal) para a legitimação do partido. Talvez por isso não houvesse nenhum partido de extrema-direita em Portugal até o ano 2000.

Nesse sentido, a estratégia para a criação do PNR foi simples, engenhosa e efetiva. Os fundadores do partido apropriaram-se de uma pequena agremiação já oficializada (o Partido Renovador Democrático), infiltrando-se nas fileiras do mesmo e ascendendo aos seus órgãos diretivos. A seguir, alteraram seu nome, sua sigla e sua iconografia. O símbolo principal do partido, que antes era uma balança, passou a ser uma chama azul e vermelha. Em 2010 o partido renovou seu símbolo, modernizando o desenho da chama. A chama estilizada do PNR é muito semelhante a outras iconografias, historicamente vinculadas a partidos de conotação fascista. A iconografia da chama já foi utilizada pelo Movimento Social Italiano (MSI), pelo *Movimento Sociale Fiamma Tricolore* (MS-FT) da Itália, pelo *National Front* inglês (NF) e pelo *Front National* francês (FN), entre outros.

O Partido Nacional Renovador tem uma plataforma política explicitamente xenófoba com elementos racistas e homofóbicos presentes

⁴⁸ Embora diversos pequenos grupos de direita nacionalista, além dos citados anteriormente, tenham sido criados, como a Acção Fundacional Nacionalista (AFN), a Frente de Direita Nacional (FDN), o Centro Nacional de Estudos (CNE), a Aliança Nacional (AN), o Partido da Democracia Cristã (PDC), o Movimento Independente para a Reconstrução Nacional (MIRN), a Frente Nacional (FN), a Nova Monarquia (NM), a Acção Fundacional Nacionalista (AFN), entre outros. A maioria teve existência efêmera.

em menor intensidade. Defende a homogeneidade étnica da Nação, por isso posiciona-se contra o “multiculturalismo”. Oficialmente o partido não se considera racista ou xenofóbico, mas nacionalista e antissistema. Um dos slogans mais repetidos pela propaganda do partido é “nacionalismo é solução”: “O PNR afirma-se nacionalista, entendendo que a Nação é o prolongamento natural da família.”⁴⁹ Define-se como um partido “pró-Pátria, pró-família e pró-vida”, “porque deve ser defendida uma cultura da vida, (...) contrária às políticas actuais que promovem uma cultura de morte, baseada no individualismo e na promoção do comportamento destrutivo (droga, aborto, lobi-gay, etc).”⁵⁰

No discurso oficial, o partido também não se considera extremista. Afirma-se acima do espectro político baseado nos conceitos de direita e esquerda. São nacionalistas, “nem esquerdas, nem direitas: os Portugueses primeiro”. O combate à imigração é um tema principal do discurso do PNR. Em um folheto de propaganda do partido distribuído por ocasião da campanha às eleições europeias de 2004, lê-se que “o número de crimes dispara, verificando-se uma violência crescente nas ruas. Os portugueses sofrem na pele as consequências de uma lei demasiado branda e de uma política permissiva e laxista, incapaz de combater eficazmente a droga, a miséria e a imigração.”⁵¹ O partido considera-se preocupado com:

...as tendências mundialistas e multiculturais, das quais a imigração é apenas uma das faces, e que constituem uma ameaça à identidade, independência, e segurança nacionais. Migrações sempre existiram e sempre existirão, nós somos contra as políticas que promovem a invasão imigrante, não contra o imigrante. O PNR bate-se contra a imigração desregulada, contra a importação de mão-de-obra barata, contra o nivelamento por baixo dos salários, contra o aumento da criminalidade, contra a proliferação de guetos e zonas de não-direito, contra o aumento do desemprego. O PNR aponta o dedo aos governantes, que não se importam com os portugueses mas sim com o seu próprio umbigo, e que são responsáveis pelas políticas suicidas que estão a destruir Portugal.⁵²

Em abril de 2007 o PNR ganhou certa notoriedade ao posicionar um *outdoor* de carácter xenofóbico em Lisboa. A peça de propaganda mostrava o presidente do partido, José Pinto Coelho, como os dizeres “Basta de imigração. Nacionalismo é solução. Façam boa viagem. Portugal

⁴⁹ *Perguntas mais frequentes*. Texto publicado no site do PNR em 25 de setembro de 2005. Disponível em: <http://www.pnr.pt/portal/index.php?option=com_content&task=view&id=61&Itemid=103>. Acesso em agosto de 2010.

⁵⁰ *Ibidem*.

⁵¹ Folheto do PNR referente às eleições europeias de 2004. Acervo da Organização SOS Racismo – Lisboa.

⁵² *Ibidem*.

aos portugueses." De acordo com a página do partido na Internet, o *outdoor* desejava boa viagem "*aos imigrantes que cometem crimes, aos ilegais e aos subsídio-dependentes.*"⁵³ Nos dias seguintes o *outdoor* do PNR foi danificado por pessoas não identificadas. No lugar dele o partido posicionou outro, com a inscrição: "*As idéias não se apagam. Discutem-se.*"

Em setembro de 2008 o PNR voltou a patrocinar um *outdoor* anti-imigração em Lisboa. Desta vez o cartaz mostrava uma ovelha branca com o símbolo do partido expulsando seis ovelhas negras do mapa de Portugal.⁵⁴ Apareciam as frases: "*Imigração? Nós dizemos não! Portugal aos portugueses.*" Conforme o *site* do partido, "*O PNR transmite mensagens politicamente muito incorrectas. Sem medo! Diz aquilo que muitos portugueses pensam e dizem baixinho.*"⁵⁵ O *outdoor* foi removido pela Câmara Municipal de Lisboa, por iniciativa do vereador José Sá Fernandes. A retirada foi criticada pelo então presidente da Ordem dos Advogados de Portugal, Marinho Pinto, por considerar que as questões relacionadas com a "liberdade de expressão" deveriam ser decididas exclusivamente pelos tribunais. Conforme Marinho Pinto, independentemente do conteúdo do *outdoor*, somente um juiz poderia ordenar a sua remoção. "*Não pode ser uma autoridade administrativa ou um partido político no poder a impor limites à liberdade de expressão política que a Constituição da República consagra.*"⁵⁶ De acordo com o *site* do PNR, cada uma das ovelhas negras representaria uma causa ou consequência de certos "cancérioros" do país, que estão inscritos nas mesmas: criminalidade, desemprego, baixos salários, multiculturalismo, fronteiras abertas e subsídio dependência. Conforme José Pinto Coelho, o *outdoor*

...é mais uma pedrada no charco que serve para alertar consciências para aquilo que se passa em Portugal e que mais nenhum partido tem coragem de denunciar. (...) Vivemos um momento de crise profunda, com tendência a agravar, e no entanto os partidos do sistema andam entretidos a discutir casamentos gay e a projectar construções faraónicas.⁵⁷

⁵³ *PNR coloca novo cartaz em Lisboa contra a imigração.* Texto publicado no site do PNR em 30 de setembro de 2008. Disponível em: <http://www.pnr.pt/portal/index.php?option=com_content&task=view&id=412&Itemid=15>. Acesso em agosto de 2010.

⁵⁴ *Outdoor muito semelhante ao cartaz que gerou polémica na Suíça em 2007.* Ver: TECEDEIRO, Helena. Cartaz racista e xenófobo quebra tranquilidade suíça. *Diário de Notícias*, Lisboa, 9 de outubro de 2007, p. 26.

⁵⁵ *Novo "outdoor" do PNR.* Texto publicado no site do PNR em 28 maio 2010. Disponível em: <http://www.pnr.pt/portal/index.php?option=com_content&task=view&id=547&Itemid=119>. Acesso em agosto de 2010.

⁵⁶ PNR: só um juiz pode ordenar remoção de cartaz. 7 de outubro de 2008. *Portugal Diário.* Disponível em: <<http://diario.iol.pt/politica/pnr-pinto-coelho-marinho-pinto-cartaz-lisboa-sa-fernandes/999598-4072.html>>. Acesso em agosto de 2010.

⁵⁷ *PNR coloca...*, op. cit.

Em 2001 um grupo de skinheads neonazistas portugueses liderados por Mário Machado (o mesmo que fora condenado pelo envolvimento na morte de Alcindo Monteiro em 1995) iniciou um movimento com o objetivo de criar uma sucursal portuguesa da *Hammerskin Nation*. Esta é uma das principais organizações neonazistas dos Estados Unidos, estando presente em pelo menos 11 países. Considerados como o grupo neonazista mais organizado dos EUA, os *Hammerskins* estão envolvidos em diversos episódios violentos como agressões e assassinatos. Em 2005 o grupo português conseguiu a incorporação oficial à *Hammerskin Nation* estadunidense e ganhou a denominação de *Portugal Hammerskins*.

Honrando a tradição dos *Hammerskins* originais, a organização portuguesa envolveu-se em diversos incidentes. Em 2007, o Ministério Público acusou 36 membros da *Portugal Hammerskins* pela prática de crimes de discriminação racial. No mesmo ano, dois elementos da organização foram presos em flagrante enquanto vandalizavam tumbas no cemitério judaico de Lisboa.⁵⁸ Mário Machado, líder da *Portugal Hammerskins*, foi membro e militante ativo do PNR. Em 2005 foi escolhido “militante ativista do ano” pela direção do partido. Mais do que isso, Machado é amigo pessoal de José Pinto Coelho. Em entrevista ao *Jornal Sol*, o presidente do partido (e candidato à Presidência de Portugal nas eleições de 2011)⁵⁹ afirmou: “*Sou amigo do Mário, é um excelente nacionalista. Aprovo todos os tipos de nacionalismo, de toda a gente que ama a sua pátria. O Mário foi a face mais visível da fase impulsionadora do nacionalismo.*”⁶⁰

Considerações comparativas

A análise do Partido Nuevo Triunfo na Argentina e do Partido Nacional Renovador em Portugal indica algumas semelhanças. As duas organizações são pequenas e não possuem relevância significativa em termos de número de militantes ou resultados eleitorais. Na Argentina, o PNT nunca conseguiu o reconhecimento oficial da Justiça, enquanto em Portugal o PNR utilizou-se de uma estratégia engenhosa (a infiltração em um partido pré-existente) para efetivar seu reconhecimento oficial.

⁵⁸ BASTOS, Inês David. “Skins” que vandalizaram cemitério judeu acusados. *Diário de Notícias*, Lisboa, 4 de agosto de 2008, p. 11.

⁵⁹ Site de campanha disponível em: <<http://www.josepintocoelho.com>>. Acesso em janeiro de 2012.

⁶⁰ CÂMARA, Ana Cristina; e GUERREIRO, Pedro. O que pensa o rosto dos cartazes no Marquês de Pombal. *Jornal Sol*, 14 abr 2007. Disponível em: <http://canais.sol.pt/paginainicial/politica/interior.aspx?content_id=29555>. Acesso em janeiro de 2012.

Além das dimensões reduzidas, outra característica comum aos dois partidos diz respeito ao forte apelo nacionalista. “*Um só interesse a defender: os portugueses*”, afirma a propaganda do PNR.⁶¹ “*Primero está Argentina, segundo está Argentina, tercero está Argentina, y después viene el resto*”, afirmava Alejandro Biondini.⁶² Todavia, enquanto o PNT buscava clara inspiração estética do Partido Nazista alemão, o PNR mantém-se na extrema-direita do espectro político sem apelar para a mimetização nazi. Por outro lado, o PNR manteve, ao menos durante algum tempo, estreitas (e públicas) relações com skinheads de orientação neonazista de Portugal. Tal fato não se verificava de maneira explícita no PNT, de certa forma distante das gangues neonazistas que durante certo período buscaram organização política no PNOSP.

Uma diferença fundamental entre as duas organizações diz respeito à utilização de argumentos antissemitas. No caso do PNT, o antissemitismo ocupava um espaço significativo no discurso do partido. Especialmente na Argentina, um tema bastante recorrente nos *sites* de extrema-direita diz respeito ao “revisonismo histórico”. O revisonismo histórico constitui um movimento pseudoacadêmico que procura reescrever a história relativizando determinados elementos do fascismo. Em sua vertente mais extremista ele nega o caráter genocida do nazismo, podendo ser chamado também de movimento “negacionista”. Em relação às acusações de antissemitismo, Biondini declarava-se como um “inimigo do sionismo”, e não do judaísmo.⁶³ Ao mesmo tempo, definia-se como um “*amante do revisonismo histórico*”.⁶⁴ Citando Paul Rassinier,⁶⁵ Biondini utilizava a justificativa negacionista clássica, segundo a qual “a história é escrita pelos vencedores”.⁶⁶ Como uma

⁶¹ Folheto do PNR, 2004, op. cit.

⁶² BIONDINI, Alejandro. APUD: GARCÍA, César. Presentación. Boletim *Universitários Nacionalistas*. Ano 1, n.1, maio de 2007, p. 7.

⁶³ BIONDINI, Alejandro Carlos. Ciertos “periodistas” argentinos, ¿profesionales de la mentira? Texto publicado no *site* do PNT. Disponível em: <<http://pnt.libreopinion.com/novedades/nov20070807.htm>>. Acesso em janeiro de 2008.

⁶⁴ BIONDINI, Alejandro. Entrevista..., op. cit.

⁶⁵ Paul Rassinier foi o primeiro negacionista a obter ampla repercussão na opinião pública. É considerado o pai do negacionismo, sendo pioneiro na construção de teorias que negam a existência de câmaras de gás nos campos de concentração nazistas. É autor dos livros “A Mentira de Ulisses”, “O drama dos judeus europeus”, “Operação Vicário”, e “Os responsáveis pela Segunda Guerra Mundial”, publicados originalmente pela editora *La Vieille Taupe*.

⁶⁶ “*La historia sobre la Segunda Guerra Mundial, la escribieron los que ganaron. Indudablemente, hay cosas que yo no comparto de lo que fue la experiencia del Nacionalsocialismo en Alemania, y hay otras muchas cosas que fueron deformadas. Por ejemplo, hoy en el mundo hay una enorme movimiento revisionista que empezó con Paul Rassinier, que fue un prisionero de los campos de detención alemanes (...) Cuando se empezó a difundir, después de la Segunda Guerra, el tema de las cámaras de gas, del Zyklon B, un héroe de la Resistencia Francesa como fue Paul Rassinier escribió “La Mentira de Ulises” para decir: “Señores, eso es propaganda de guerra, eso nunca existió (las cámaras de gas)”*. BIONDINI, entrevista à Rede de Televisão *CableVisión Noticias (CVN)*, 2002, op. cit.

forma de condenação do “sionismo internacional”, o PNT declarava sua solidariedade com o povo palestino.⁶⁷

Como lembra Roger Griffin, as novas configurações de natureza fascista podem assumir o caráter de luta contra o capitalismo, pregando uma nova ordem mundial contrária à dominação econômica, cultural, e militar dos EUA. Este posicionamento pode levar à idealização de uma comunidade internacional, interligada por um objetivo comum: a derrubada do sistema mundial atual.⁶⁸ Dessa forma, muitas organizações de caráter neofascista acabam promovendo – ao menos no plano discursivo – um senso de solidariedade não somente com a causa palestina, mas também com outros países não alinhados com os EUA, como Líbia, Iraque, Irã e Afeganistão.

Entretanto, em Portugal não se verifica a mesma ênfase no discurso antisemita nem tampouco a disposição para apoiar a causa palestina. Uma busca no site do PNR não encontrou nenhuma referência à luta palestina.⁶⁹ A preocupação maior da extrema-direita portuguesa diz respeito à imigração (muçulmana, inclusive) e não a uma suposta conspiração judaica. O PNT chega a fazer uma relação entre imigração e “terrorismo islâmico”: “*Não há controle (...) sobre a imigração desenfreada, que abre as portas do país ao terrorismo islâmico, (...) tira-nos os empregos e aumenta a criminalidade e a insegurança.*”⁷⁰

A atuação da nova extrema-direita argentina e portuguesa destaca-se, sobretudo, pela sua expansão na internet. Na Argentina, um marco fundamental nesse sentido foi a criação do portal e servidor *Ciudad Libre Opinión*. Conforme Biondini, o nacionalismo alimenta o espírito da *Ciudad* e os seus princípios norteadores são Deus, Pátria, Justiça Social e Família. Ele define seu servidor como “*a cidade do nacionalismo na internet*”.⁷¹ No país sul-americano, a repressão contra *sites* de conteúdo nazifascista é praticamente inexistente, pois

⁶⁷ “*Afirmamos nuestro reconocimiento con rango diplomático a la representación legítima del Pueblo Palestino y nos solidarizamos con su heroica y justa lucha soberana. Adherimos en un todo a los términos de la reiteradas resoluciones condenatorias que ha adoptado la Asamblea General de las Naciones Unidas (ONU) respecto del sionismo internacional y el denominado Estado de Israel.*” “*El Programa de Gobierno de la Nueva Argentina*”. Capítulo I, ponto 10. Disponível em: <<http://pnt.libreopinion.com/programa.htm>>. Acesso em janeiro de 2008.

⁶⁸ GRIFFIN, Roger. *Fascism's new faces (and new facelessness) in the “post-fascist” epoch*, p. 16. Disponível em: <<http://ah.brookes.ac.uk/history/staff/griffin>>. Acesso em setembro de 2007.

⁶⁹ <<http://www.pnr.pt>>, em janeiro de 2012.

⁷⁰ Folheto do PNR, 2004. Op. cit.

⁷¹ BIONDINI, Alejandro Carlos. *Quiénes Somos*. Apresentação do servidor *Ciudad Libertad de Opinión*. Disponível em <<http://www.libreopinion.com/presentacion.html>>. Acesso em setembro de 2007.

a lei argentina antidiscriminação não tem sido aplicada à internet. Aproveitando esta falha, Alejandro Biondini utiliza seu portal para hospedar *sites* de conteúdo nazifascista não apenas da América Latina, mas também dos EUA e da Europa. Dessa forma, a *Ciudad*, sob o argumento da defesa da liberdade de expressão, tornou-se um refúgio para os grupos extremistas de direita que não conseguem hospedar seus *sites* nos países de origem.⁷²

Em Portugal, em 2004, Mário Machado, juntamente com seu camarada Vasco Leitão (membro dirigente do PNR), criaram o Fórum Nacional, *site* que se transformou em um dos principais pontos de encontro dos neonazistas portugueses na *web*. Atualmente o *site* está fora do ar, entretanto, seguindo a tendência mundial da extrema-direita, o PNR também aproveita de forma significativa as possibilidades de divulgação proporcionadas pela *web 2.0*.⁷³ Além do site oficial do partido,⁷⁴ a agremiação possui um fórum para discussões *online*,⁷⁵ um *blog*,⁷⁶ um perfil no *facebook*,⁷⁷ uma conta no *picasa*,⁷⁸ e uma página no *twitter*.⁷⁹ Dessa forma, tanto para o PNT quanto para o PNR, a internet funciona não apenas como uma ferramenta de propaganda, mas como um instrumento para a ligação entre indivíduos e organizações, consolidando assim uma das características fundamentais da direita grupuscular: o esforço para a criação de redes.

A aceitação das ideias veiculadas nos discursos da extrema-direita não é “natural”. O preconceito, a intolerância e a discriminação não são inatos, mas aprendidos. Portanto, são necessários meios, através dos quais ocorre o processo de aquisição ideológica dessas

⁷² Ver: ALMEIDA, Fábio Chang de. A serpente..., op. cit.

⁷³ Na prática, a web 2.0 significou uma mudança de mentalidade dos desenvolvedores de *sites* da internet. A partir da aplicação de conhecimentos técnicos preexistentes, passou-se a valorizar a interatividade entre os usuários e os *sites*. Com base nesta interatividade, os usuários passaram a colaborar de forma ativa com a melhoria das páginas, ou mesmo com a construção de novas páginas. Ferramentas mais simples para a criação de *sites* foram disponibilizadas, aumentando drasticamente o número de pessoas que se aventuram na construção de páginas na internet. Ver: ALMEIDA, Fábio Chang de. O Historiador e as Fontes Digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas históricas. *Aedos – Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS*. n. 8, v. 3, Porto Alegre, jan – junho de 2011, p. 9-30.

⁷⁴ Disponível em: <<http://www.pnr.pt/portal>>. Acesso em janeiro de 2012.

⁷⁵ Disponível em: <<http://www.pnr.pt/forum>>. Acesso em agosto de 2010.

⁷⁶ Disponível em: <<http://terraportuguesa.blogspot.com>>. Acesso em janeiro de 2012.

⁷⁷ Disponível em: <<http://www.facebook.com/group.php?gid=59327368069&ref=ts#!/pages/PNR-Partido-Nacional-Renovador/116915155007941?ref=mf>>. Acesso em janeiro de 2012.

⁷⁸ Disponível em: <<http://picasaweb.google.pt/pnrportugal>>. Acesso em janeiro de 2012.

⁷⁹ Disponível em: <<http://twitter.com/pnr>>. Acesso em janeiro de 2012.

ideias.⁸⁰ A análise das estratégias da direita grupuscular na Argentina e em Portugal evidencia que os canais disponíveis para a aquisição das informações necessárias ao doutrinamento neofascista (seja qual for a escala numérica de tal doutrinamento) passam pela internet.⁸¹ Por trás dos ataques violentos, ou das organizações políticas de caráter grupuscular, está uma organizada rede de comunicação. Nela reside o maior risco oferecido pelas pequenas organizações de caráter grupuscular

⁸⁰ Teun van Dijk (2008, p. 15) afirma, a respeito do pensamento racista, que “a maioria dos membros do grupo dominante aprende a ser racista devido às formas de texto e de fala numa ampla variedade de eventos comunicativos. A maior parte do que os grupos dominantes brancos “sabem” ou acreditam sobre a etnia dos outros foi, portanto, formulada, mais ou menos explicitamente, em inúmeras conversações, histórias, reportagens de jornais, livros didáticos e discurso político. É também sobre essa base que as pessoas formam suas próprias opiniões e atitudes, e a menos que haja boas razões para desviar do consenso do grupo, a maior parte dos membros reproduzirá o status quo étnico e adquirirá as ideologias dominantes que os legitime.” DIJK, Teun van. *Racismo e discurso na América Latina*. São Paulo: UNESCO-Editora Contexto, 2008, p. 15.

⁸¹ Conforme Teun van Dijk “as formas usadas pelos discursos dominantes para enfatizar as características negativas dos grupos étnicos de fora tornam-se problemáticas especialmente quanto a seus possíveis efeitos nas mentes dos receptores. É verdade que os textos não têm um efeito automático sobre as opiniões dos leitores – principalmente porque, como veremos, muitos leitores podem resistir às interpretações sugeridas pelo discurso racista – mas, sob condições especiais, essa influência pode ser penetrante. (...) se os membros dos grupos dominantes não possuírem muitos contatos étnicos alternativos ou informações, como é também o caso em muitas partes da Europa e da América Latina, a representação negativa de acontecimentos étnicos e de pessoas pode facilmente influenciar as mentes dos receptores. Estes últimos formarão, portanto, modelos mentais tendenciosos de acontecimentos étnicos específicos que lêem ou ouvem. Esses modelos podem, por sua vez, ser generalizações para atitudes mais negativas e ideológicas sobre os Outros. Nossos discursos e outras ações sociais são, portanto, baseados em modelos mentais (planos etc.) que são informados por ideologias e atitudes socialmente compartilhadas. Temos, assim, um círculo vicioso e vemos como o discurso está crucialmente envolvido na reprodução do racismo, em geral, e na formação de ideologias racistas subjacentes, em particular.” DIJK, Teun Van. Op. cit., p. 19-20.